

QUARTO DE DESPEJO: MECANISMOS DE CONTROLE E O FEMINISMO NEGRO

Ana Laura Perenha dos Santos (PIC), Roselene de Fátima Coito (Orientadora),
e-mail: analaurapsantos@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e
Artes/Maringá, PR.

Teoria e Análise Linguística

Palavras-chave: interdição, feminismos negros, mulher negra.

Resumo: No livro “A ordem do discurso”, o filósofo francês Michel Foucault discute como o discurso se dissemina em diferentes sociedades. Ao abordar os procedimentos discursivos disseminados, o filósofo argui que o discurso é controlado. Estes procedimentos de controle se dão por mecanismos externos e internos do dizer, sendo os externos a interdição, a separação e a vontade de verdade e os internos se referem ao tabu do objeto e ao direito privilegiado de quem fala. Neste movimento dos mecanismos de controle, aliados à questão da luta da mulher negra pautada nos feminismos negros, abordaremos o texto de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, com o objetivo principal de entender o controle do dizer da mulher negra e sobre a mulher negra no meio sócio-histórico e seus desdobramentos nos dias atuais, tendo em vista que o discurso autoriza algumas posições discursivas enquanto deslegitima tantas outras.

Introdução

Nesta introdução faremos uma contextualização sobre a autora Carolina Maria de Jesus e traçaremos um panorama do momento histórico no qual sua produção aqui adotada para análise foi produzida. Tal movimento será feito a fim de entendermos em quais condições de produção a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi publicada e como se constituiu o movimento de exclusão da população pobre e negra para as margens da cidade. Carolina Maria de Jesus, membra em uma família de trabalhadores rurais, nasceu no ano de 1914, na cidade de Sacramento, um pequeno município em Minas Gerais que naquela época se desenvolvia sob a influência de Uberaba, grande polo econômico.

No ano de 1937, a autora migra para São Paulo, capital paulista e começa a trabalhar como empregada doméstica. Nesse íterim publica um poema no jornal *A folha da manhã*, porém sua aventura ao mundo da literatura é interrompida no ano de 1948, quando fica grávida e é demitida de seu emprego. A cidade de São Paulo na época em questão, era reflexo dos moldes de uma primeira disposição: a concentração das atividades econômicas e as moradias eram localizadas em regiões centrais. Assim, de acordo com Silva (2007) “os trabalhadores industriais e do setor doméstico encontravam-se próximos aos locais de trabalho, nas imediações das fábricas e das mansões das elites”. É nesse mesmo período que surgem os cortiços como moradia para camada popular em bairros como Brás, Bexiga e Barra Funda, habitados em um primeiro momento por imigrantes e posteriormente pela população negra. Existia uma forte demanda por moradia, em razão da dificuldade na locação dos imóveis, por conta de fatores como a Lei do Inquilinato. Tal lei foi um produto da Segunda Guerra mundial e de acordo com Kingston (1960) congelou o

valor dos alugueis a partir de 1942 desestimulando a construção. É nesse contexto que as habitações populares foram estigmatizadas e novamente o poder público lançou mão de uma política higienista, classificando as moradas populares como inóspitas e proliferadoras de doenças. Consequentemente expulsou a camada pobre da população dos centros da cidade. Este contexto compeliu Carolina, que estava desempregada, a mudar-se para a favela do Canindé. Carolina passou a trabalhar como catadora de papel e expõe sobre sua vida cotidiana, entre outros, no compilado feito pelo jornalista Audálio Dantas e intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em agosto de 1960.

Diante do exposto, traçamos como objetivos da pesquisa fazer um levantamento do racismo e do gênero nos Estados Unidos e no Brasil; o conflito dos feminismos negros; as condições de produção, de possibilidade e de emergência do feminismo negro; o controle externo e interno do dizer das mulheres negras e as relações sociais no discurso do poder, tendo em vista que justificamos a pertinência desta pesquisa pelo fato de que a vivência destas mulheres marcam mais proeminentemente as relações de força no e do discurso na/da sociedade.

Materiais e métodos

Com este trabalho, tivemos por objetivo traçar um panorama da construção da mulher negra na obra de Carolina Maria de Jesus, tanto por meio de teorias discursivas pautadas em uma perspectiva foucaultiana quanto pelas teorias do movimento feminista negro. Como ferramentas da construção de tal análise, primeiro buscamos traçar um panorama da vida e obra da autora mostrando um pouco de sua trajetória até se fixar na favela do Canindé, local que foi palco de seus escritos. Ademais, nos acercamos das teorias do feminismo negro tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos objetivando entender como se estabeleceu a figura da mulher negra no Brasil, a partir do texto de Carolina Maria de Jesus, diferentemente da figura negra feminina norte-americana. Em nossa análise refletimos sobre as interdições externas e internas do discurso, fixando-nos principalmente no direito privilegiado daquele que fala e utilizamos o princípio da autoria como interdição interna do texto aqui recortado para análise. Por fim, utilizamos as conceituações de micropoder e de macropoder, quando se pensa nos Aparelhos Ideológicos como a família, a partir da leitura de Michel Foucault. Dessa maneira, verificamos que a maneira que Foucault trata a questão do poder, diferencia-se de outras abordagens do materialismo histórico; ele mergulha no detalhado esquema apresentado pela sociedade, não colocando o poder apenas como uma luta de classes, embora considere a proposição de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado. Na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* existem diversas práticas sociais que são o próprio exercício do poder, principalmente no que concerne ao uso da língua escrita como uma dessas modalidades de exercício de resistência ao controle e à interdição, como fomos apontando ao longo da pesquisa.

Resultados e Discussão

A partir da proposta aqui de discutir os mecanismos de controle, vimos que o controle maior se dá também pela questão da raça, talvez maior ainda do que da classe social, pois pelo fato de Carolina de Jesus ser uma mulher negra que resiste aos poderes impostos, e, ao mesmo tempo ser um poder, e pelo fato de os

feminismos negros se darem de forma diferente entre os países, a história da imigração do negro já torna mais vulnerável ao controle imposto, ainda mais de uma mulher negra e pobre. Neste sentido, os resultados permitiram que fossem refletidos como os mecanismos de controle funcionam e como a eles, os sujeitos resistem, mesmo quando esta resistência acaba se tornando também um mecanismo de poder.

Conclusões

Em nossas análises, constatamos que o processo de interdição externo do dizer vai se construindo na medida em que a escrita foi sendo deslegitimada por um conjunto de dizeres. Já com relação ao processo de interdição interno, pudemos compreender, por meio dos enunciados produzidos no texto de Carolina Maria de Jesus como um discurso da resistência, ora quando os enunciados recortados evidenciam a apropriação do poder pela escrita ora como pela escrita o poder é tirado, quando há enunciados produzidos fora da ordem de um discurso normativo. Como pudemos ver em vários enunciados, na quebra do uso da norma, estabeleceu-se a tensão entre uma dupla de resistência: àqueles que não aceitam essa modalidade escrita como relevante para o cânone linguístico e literário e àqueles que não têm domínio da língua desta mesma língua a ela resistindo.

Já, acerca dos macropoderes conseguimos verificar que, por meio de movimentos tecidos na vida cotidiana, *fronts* de resistência vão se construindo. No tocante aos poderes institucionalizados presentes no livro e analisados nesse trabalho, podemos perceber que a família, enquanto instituição social idealizada pelos moldes burgueses, configura-se, no diário de Carolina de Jesus, como uma forma de resistência ao poder instituído, principalmente pela igreja, tanto que o enunciado evidencia a condição de mãe solteira que não precisa da igreja para o sustento de seus filhos e nem de um marido para tal situação, que, principalmente naquele momento histórico da sociedade brasileira não se constituía um verdadeiro da época. Sobre o poder institucionalizado da polícia, verificamos enunciados de resistência à violência propalada na favela. Vale ressaltar que, nestes enunciados, muitas vezes, há a “vigilância e a punição” institucionalizada e não institucionalizada

Por fim, no campo do exercício do poder, embora o título do diário sugira apenas uma luta de classes, vemos que no desenrolar do relato há constante relações de forças, inclusive, discursivas. Dito de outro modo, a escrita que resiste ao poder em sua rede e a escrita que resiste enquanto poder, já que no diário, há enunciados que evidenciam como vai sendo tecida esta teia. Neste sentido também, abordar as questões do feminismo negro permite entender que as relações de força do discurso, que têm mecanismos de interdição externo e interno, evidenciam que onde há poder há resistência.

Agradecimentos

Agradeço a Professora Roselene de Fátima Coito por todo seu apoio e paciência durante a realização dessa pesquisa. Agradeço também a oportunidade a mim concedida pela Universidade Estadual de Maringá em realizar uma pesquisa acadêmica contribuindo assim para minha formação profissional.

Referências

BARBOSA, Lúcia Maria de Lima. *Feminismo negro: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro*. In: *Fazendo Gênero 9* Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

BEAUVOIR, S. *O Segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
FERNANDES, Danúbia de Andrade. *O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude*. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: Diário de uma Favelada*. São Paulo: Ática, 1993

KILOMBA, Grada. *Plantation memories: episodes of everyday racism*. Berlim: Unrast, 2008.

KINGSTON, Jorge. *A lei do inquilinato: um caso de patologia econômica*. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/1835/2699>>
MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MELO, Pedro da Silva. *Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita: um estudo sociolinguístico de Quarto de Despejo*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SILVA, José Carlos Gomes. *História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus*. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, Porto Seguro, Bahia.

ZOLIN, Lucia Osana. *A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade*. In: *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009.